

# Estudo contesta apagão de mão de obra

53% de brasileiros com diploma superior estão subempregados; qualidade sofrível de universidades seria razão

**Para muito jovem formado sem colocação, seria melhor curso profissionalizante, diz professor da UFRJ**

ANTÔNIO GOIS  
DO RIO

Apesar das constantes queixas de falta de trabalhadores qualificados no país, não há indícios de que o Brasil esteja sofrendo de um apagão de mão de obra generalizado. Essa é a conclusão comum em alguns dos estudos recentes sobre o tema.

Podem faltar profissionais qualificados em alguns setores, mas, analisando tendências do mercado de trabalho, o país tem formado mais quadros de nível superior do que é capaz de absorver.

Em caso de escassez de quadros qualificados, é esperado que os rendimentos destes cresçam, pois as empresas precisam de mais esforço para contratar e manter os profissionais.

Não foi o que aconteceu na década passada, de acordo com a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), do IBGE. Quando considerada a inflação, a renda média da população adulta ocupada com nível superior teve queda de 17%.

## MAIS CONCORRÊNCIA

Ter diploma universitário continua sendo um bom negócio no Brasil. No entanto, como houve crescimento de 79% no número de trabalhadores com essa formação, o mercado é mais concorrido.

Uma consequência dessa expansão foi verificada em estudo do economista João Saboia, da UFRJ.

Analisando o cadastro de empregos do Ministério do Trabalho, ele identificou que mais da metade (53%) dos brasileiros com formação superior que conseguiram emprego no ano passado ocuparam postos de menor exigência de escolaridade, como auxiliares de escritório, funcionários de cartórios ou vendedores no comércio.

Para Saboia, é um reflexo da baixa qualidade de muitos cursos universitários. Ele cita como exemplo o alto número de formados em direito que não passam no exame da OAB e acabam empregados em outras áreas.

"Para muitos desses jovens, teria sido melhor fazer um bom curso profissionalizante", diz o economista.

Mesmo com essa quantidade significativa de diplomados em empregos de menor exigência, a Pnad mostra que trabalhadores com nível superior ganham mais que o triplo daqueles que apenas completaram o nível médio.

Paloma Simonetti, 27, formada em jornalismo, diz que seu diploma a ajudou a conseguir um emprego de promotora de vendas num banco. Ela conta que não há exigência de formação universitária para a função, mas quase todos os colegas de trabalho cursam ou concluíram a universidade.

"Não acho que foi perda de tempo ter estudado. A experiência que tive na universidade me ajuda muito hoje. Se tivesse parado no ensino médio, acho que não conseguiria esta vaga", afirma.

# Engenharia tem escassez, mas formação cresce

DO RIO

Se não se pode falar em apagão de mão de obra, ao menos em alguns setores há indícios que a demanda por profissionais qualificados cresceu em ritmo maior que a oferta.

Engenharia é o caso mais emblemático, o que pode ser comprovado pelo fato de os salários terem crescido em ritmo superior aos dos demais profissionais com formação na mesma ocupação.

No entanto, estudo do Ipea estima que o crescimento no número de formados em engenharia será suficiente para atender a demanda caso o país cresça na próxima década em um ritmo semelhante ao da década passada, de 3,5% ao ano, e aumente a formação de novos engenheiros no mesmo ritmo.

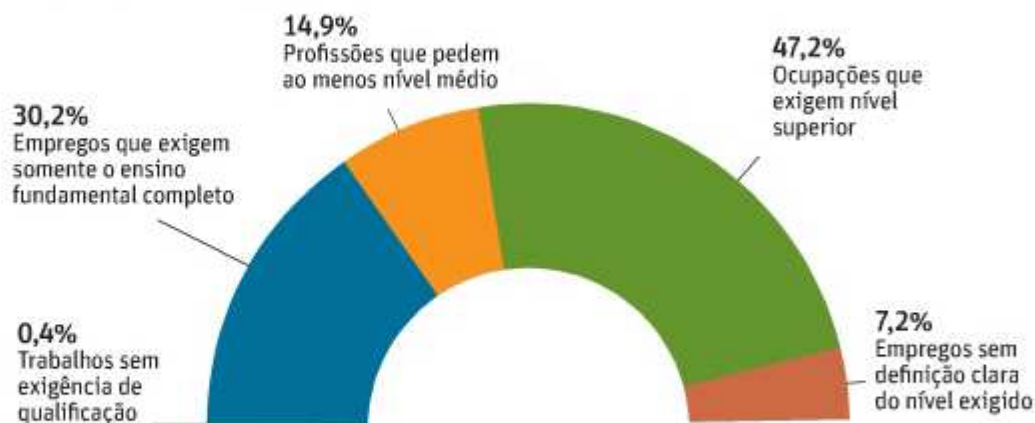
O número de concluintes em engenharia cresceu 129% de 2000 a 2009, segundo o Censo da Educação Superior do MEC.

Paulo Meyer Nascimento, um dos autores do estudo, diz que o mercado tem de se acostumar com o fato de que terá de pagar mais para um engenheiro do que no passado. "O crescimento é sustentável, a não ser que o Brasil vire a China e cresça mais que 4% ao ano até 2020."

## SUBEMPREGO

Onde se empregaram os brasileiros com nível superior em 2010

### POR EXIGÊNCIA DE ESCOLARIDADE



Fontes: João Saboia (UFRI), Paulo Nascimento (Ipea), Marcelo Neri (FGV) e tabulação própria nos dados da Pnad (IBGE)

Rafael Andrade/Folhapress



Formada em Jornalismo, Paloma Simonetti, 27, trabalha com vendas em um banco